

Minimizando O Sofrimento do Bebê e de sua Família A interação mãe-bebê em situações de nascimento de risco

Denise Espiúca Monteiro¹

“ Deveria ser feito tudo para assegurar que a criança nascesse a termo, bem desenvolvida, e em condições de saúde. Porém, a despeito de toda a assistência, ainda nascem crianças prematuramente...”

Pierre Budin

As grandes evoluções que ocorreram no atendimento e cuidados às mães e seus bebês em relação a avanços tecnológicos, biológicos e psicológicos, acrescidas aos esforços para amenizar o trauma do bebê e de sua família, tiveram um efeito direto na transformação de UTIs neonatais em ambientes mais humanos, tanto quanto no declínio da mortalidade infantil e neonatal com o claro o aumento da sobrevivência de crianças de alto risco, que são aquelas com baixo peso ou com muito baixo peso ao nascer. Porém, o que podemos pensar quando este vínculo entre a mãe e o bebê é de alguma forma dificultado pela internação do bebê em UTI Neonatal? Num primeiro momento as preocupações e expectativas em relação ao bebê são muito diferentes, no que diz respeito à mãe e à equipe. A equipe fica envolvida pelo aspecto técnico quando o bebê está grave, tem uma necessidade de expor todos os riscos que o bebê corre. Para as mães essa conduta dificulta ainda mais a situação, uma vez que para poder se aproximar e entrar em contato com o bebê, elas precisam ter esperanças, e desejam entrar em contato com aspectos que tragam a relação mãe-bebê para um terreno conhecido, em que possam desempenhar alguma função, como por exemplo, alimentá-lo.

Portanto, neste contexto de internação de um bebê em UTIN, cheia de estímulos, muitas vezes hiperestimulantes e agressivos para o bebê, apesar de indispensáveis para sua sobrevivência, encontramos pais assustados e inseguros. A necessidade de os pais se envolverem com seus bebês, auxiliando-os no processo de recuperação, torna-se, muitas vezes, um fator complicador, pois os pais, diante do nascimento prematuro de seus filhos, vêem-se roubados da euforia em que se encontravam e mergulham em um ambiente de preocupação e agitação. Diante desta situação, sentem-se desorganizados, desorientados, ansiosos e terrivelmente cansados, sendo incapazes de compreender o que está acontecendo e de responder adequadamente. O luto dos pais, depois do nascimento prematuro, é inevitável.

¹ Médica pediatra e homeopata especialista pela AMHB, membro titular do Instituto Hahnemanniano do Brasil, docente do curso de formação de homeopatas do IHB, autora entre outros dos livros: O Que Você Vai Ser Quando Crescer? Abordagem Homeopática da Criança e Primeiros Laços – Maternagem, Maternidade e Homeopatia.
email para contato: despiuca@dh.com.br

O tratamento homeopático assegura ao prematuro uma abordagem global de seu sofrimento, sendo eficaz como coadjuvante das diversas técnicas invasivas que se impõem e profilático das repercussões indesejáveis do trauma doloroso da separação parental e dos múltiplos procedimentos aos quais estará sujeito, garantindo-lhe no futuro próximo, um melhor desenvolvimento psicomotor e cognitivo. A família também é amplamente beneficiada pela abordagem homeopática, que lhe oferece o apoio e a escuta indispensáveis neste sofrido momento de vida, preparando-a emocional e fisicamente para o acolhimento posterior deste bebê tão especial.

O trabalho desenvolve a argumentação sobre os medicamentos que mostram-se adequados *similimuns* para as entidades mórbidas e suas comorbidades no período neonatal, quais sejam: prematuridade, asfixia neonatal, hemorragia intracraniana, enterocolite necrotizante, icterícia neonatal, anemia; e propõem uma botica de socorro essencial no qual estão incluídos os seguintes medicamentos homeopáticos: *Arnica Montana*, *Antimonium tartaricum*, *Aconitum napellus*, *Opium*, *Laurocerasus*, *Carbo vegetabilis*, *Camphora*, *Apis mellifica*, *Helleborus niger*, *China officinalis*, *Calcarea phosphorica* e *Ferrum metallicum*.